Homenagem Póstuma a José Aurélio Saraiva Câmara

PAES DE ANDRADE

Senhor Presidente,

Senhores Deputados:

Com o falecimento de José Aurélio Saraiva Câmara, ocorrido em Fortaleza, o Brasil perde um dos valores da mais viva projeção e da melhor cultura no Ceará. É que a sua vida dá a conhecer o humanista da mais pura sensibilidade, uma consciência inspirada nos ideais da terra e do homem, para quem a cultura é um perene esforço de engrandecimento e libertação.

Daremos aqui o nosso testemunho do homem público que ele foi no Ceará, desempenhando funções de Comandante da Polícia Militar, Secretário de Polícia e Segurança Pública no Governo de Stenio Gomes, tendo ocupado depois o cargo de Diretor do Departamento de Minas do Secretaria de Minas e Energia e, na Universidade Federal do Ceará, o de Diretor de Educação e Cultura, participando depois do Conselho de Curadores da mesma Universidade, quando, convidado foi para Assessor de Organização e Métodos do Ministério da Educação e Cultura. A probidade e a honradez, assim como o cavalheirismo e o fino trato do seu caráter colimavam com tônica do intelectual, homem voltado para a problemática da cultura a que dedicou quase toda a sua vida, desde os albores até os últimos lampejos.

Foi, porém, como escritor de história nacional e especialmente regional que José Aurélio Saraiva Câmara soube dar a sua maior e melhor contribuição. Tal vocação é reconhecida por seus colegas e amigos e vem desde quando ele era estudante ginasial, manifestando pela História o seu aperfeiçoamento. A pesquisa histórica foi uma constante de sua vida, legando estudos originais.

Da História caminhava praticamente no exercício de funções para a geografia ativa, buscando pouso na vida administrativa em campos que se relacionassem com a sua vocação e talento. Foi assim que integrou-se na Universidade, no Ministério da Educação e antes no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, onde colaborou com uma eficiente e justa assessoria.

(*) Discurso pronunciado na Câmara Federal.

Pertenceu ao grupo de homens que integraram no Ceará o Instituto do Nordeste, instituição pioneira das idéias do desenvolvimento regional, porém, **sua mais intensa atividade deu-a ao Instituto do Ceará, uma das mais altas e tradicionais casas de cultura, voltada há mais de 80 anos para estudos de história, geografia e antropologia no Brasil.**

Ali mergulhou nas melhores fontes da historiografia, publicando substanciosos e profundos ensaios, como "Aspectos do Domínio Holandês no Ceará", "O Ceará e a Guerra do Paraguai", "Uma Tradição Militar Cearense", "O Tempo e os Homens", "Fontes Cearenses de Euclides da Cunha", "Fatos e Documentos do Ceará Provincial" e, além destes ensaios e livros, publicou ainda "Correspondência de Tomaz Pompeu", em que condensou e catalogou as relações daquele grande pensador e também parlamentar, no Brasil. Um outro livro de José Aurélio Câmara é o que publicou sobre "Capistrano de Abreu", o qual lhe valeu o prêmio TARQUÍNIO DE SOUZA, láurea que lhe foi adjudicada por unanimidade da Comissão Julgadora, constituída por uma das mais altas cortes de historiadores, a exemplo de Pedro Calmon, Hélio Viana e Leonardo Arroyo. Este livro, diz um dos escritores do Instituto do Ceará, "é sem favor um monumento da historiografia brasileira. É semente que cai e medra precisamente no compasso frio, lento, do atual campo de crises, crises que a ciência e a filosofia mostram como carecedoras da luta que a humanidade empreende em busca de sua auto-compreensão. A esse respeito, diz o escritor F. Alves de Andrade: "Mostrando-nos em Capistrano de Abreu o homem autêntico, José Aurélio Saraiva Câmara, talento intelectual de militar em quem a espada cedeu lugar ao historiador, dá-nos a lição dos que buscam o sentido histórico da nacionalidade no emaranhado vertente, para o reconhecimento dos valores humanos". É que escrever história é ato de coragem, assevera o nosso Djacir Menezes, é ato de coragem, especialmente nas horas em que a debilidade moral busca exemplos de subserviência, no afã de comprimir as forças criadoras nos paradigmas arcaicos".

José Aurélio Câmara mostrou então em seu livro que Capistrano de Abreu, valente, crítico, desde a sua juventude, fora um lampejo de rebeldia cultural criadora que o tempo não apaga da simpatia da posteridade. E conclui o autor citado: "Por entre as urzes destes tempos íngremes, em que o verde de outrora deu lugar ao manto de cinzas a invadir o passado e o presente, Aurélio Saraiva Câmara redescobre a atualidade do herói que teceu com sabedoria os vigamentos da história pátria".

Ganhando o Prêmio para obras históricas da Academia Brasileira de Letras e também o Prêmio de Cultura da Universidade Federal do Ceará, a bibliografia nos mostra José Aurélio Câmara como também portador do Prêmio Associação Cearense de Imprensa, correspondente ao melhor trabalho por ele apresentado no concurso de 1969, com o seu estudo-reportagem sob a epígrafe "Tributos e Fracassos na Luta Contra as Secas".

A história ativa e a geografia ativa, tônica do presente, foram atividades em que o nosso José Aurélio Saraiva Câmara fez medrar para a vida a sementeira do seu trabalho e empreendimentos de espírito. O seu vulto continuará a crescer para a posteridade, pois ingressou na história — a paisagem da fé que se estende para o além da morte.

O último semestre de sua vida, o nosso homenageado dedicou à Pátria na Espanha, aonde fora mandado como nosso embaixador cultural, dirigir naquele País a Casa do Brasil. Com ele viajei e discutimos juntos problemas brasileiros à luz das idéias em que era fértil e generoso o seu espírito. Guardarei esta última lembrança, sentindo que aquele nobre conterrâneo postou-se com dignidade diante da vida cultivando idéias e nobres sentimentos humanos. E venceu. Rendendo, assim, Sr. Presidente, a nossa homenagem póstuma ao homem de idéias, ao conterrâneo cheio das coisas nóbres do Ceará, poderíamos, afinal, dizer: a sua vitória não teve ambições materiais, pois pertence ao gênero dos homens fortes, independentes e livres, e é precisamente aquela de que nos fala Lange em sua História do Materialismo: "A vitória sobre o egoísmo, que quebra e isola, e sobre o gelo dos corações que mata, não será alcançada senão por um grande ideal que aparecerá "como um estrangeiro de outro mundo", o qual, exigindo o impòssível, fará sair a realidade fora dos seus eixos".